



# A EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO CONTEXTO DA CULTURA OCEÂNICA: A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO MEMÓRIAS DO MAR

Leopoldo Cavaleri Gerhardinger,  
Dannieli Herbst, Rafael Gué Martini,  
José Matarezi

Coletivo Memórias do Mar

## 1. Introdução

Quando pensamos sobre as águas do mar, sua vida e estrutura, quando buscamos conhecê-las, tomamos decisões que as afetam, expressamos nossos sentimentos, a queremos, e a transformamos - isso tudo é Cultura Oceânica. A inauguração da Década do Oceano e a sua aliança com as ações ligadas ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 14 (ODS 14 – Vida na Água) precisam responder aos grandes desafios, na medida em que tomamos consciência do sentido e profundidade das transformações necessárias nas relações sociedade/ambiente (FOLKE et al., 2021).

Um grande desafio para as instituições públicas de gestão ambiental e organizações acadêmicas ligadas às ciências marinhas é articular a tríade pesquisa-ensino-extensão a partir de projetos de intervenção. Existem, ainda, obstáculos para a valorização destas abordagens em meio a padrões recorrentes como: o produtivismo acadêmico; a fragmentação disciplinar; e a ênfase no empreendedorismo capitalista nas ciências do mar. Nesse sentido, Matarezi e Koehtopp (2017, p. 71) destacam que dentre os principais desafios contemporâneos da educação ambiental e patrimonial está a integração do conhecimento sensível ao inteligível – essenciais ao enfrentamento das sucessivas crises socioambientais. Entendemos que estes impõem também adversidades para a educomunicação socioambiental<sup>1</sup>.

O fortalecimento de uma perspectiva socioambiental para as Ciências do Mar no Brasil é fundamental para o avanço da governança do mar e costas. Atualmente, a governança do oceano brasileiro é notadamente fragmentada/setorializada e cheia de falhas na garantia da justiça intra e intergeracional para as comunidades costeiras. Nesse contexto, a educomunicação socioambiental se soma a outros processos educativos na missão de “lidar com os dilemas e paradoxos próprios do paradigma dominante, buscando integrar subjetividade, ou seja, produção de intersubjetividade na construção de conhecimento sensível e inteligível” (MATAREZI e KOEHTOPP, 2017, p. 70), como determinantes nos processos de manejo e governança dos mares e costas.

---

1 A educomunicação socioambiental foi definida como a política de comunicação para a educação ambiental no âmbito do Ministério do Meio Ambiente (MMA) do Brasil, a partir de 2005.

Este ensaio inicia a exploração de um possível caminho para o enfrentamento desses desafios sobretudo na incorporação de viés educutivo nas práxis da tríade pesquisa-ensino-extensão, em iniciativas socioambientais na zona costeira. Apresentamos um estudo de caso empírico de auto-organização em rede, com a caracterização da evolução de um ‘ecossistema educutivo’ (MARTINI, 2019) costeiro-marinho no Brasil, pressupondo as experiências e possíveis contribuições do Coletivo Memórias do Mar (CMM) no período 2007-2020. A partir da análise das experiências passadas, refletimos sobre o potencial e alguns ingredientes-chave (sementes) para os ecossistemas educutivos costeiro-marinhos. Os resultados têm em vista o período de vigência da Década do Oceano no país e suas implicações para o enfrentamento dos desafios rumo a uma governança inclusiva da agenda de economia azul<sup>2</sup> brasileira.

## 2. Metodologia

O artigo apresenta uma compilação e descrição sintética de algumas ‘ações educutivas’ a partir dos registros áudio-scripto-visuais (CLOUTIER, 2001) do CMM, e.g. relatórios técnicos e audiovisuais disponíveis nos canais da internet (google drive, youtube, facebook). Em seguida, aplicamos o enfoque analítico da socioanálise comunicacional associada às áreas de intervenção da educomunicação (SOARES, 2011; VIZER, 2012; HUERGO, 2010; MARTINI, 2019), para resumir possíveis contribuições da rede CMM na evolução de ecossistemas educutivos costeiro-marinhos no Brasil. Iremos destilar a essência de tais subsídios por meio de sua compreensão enquanto ‘sementes do bom antropoceno’ (BENNETT et al., 2016). Tais ‘sementes’ referem-se às iniciativas existentes que não são generalizadas ou bem conhecidas. Podem ser iniciativas sociais, novas tecnologias, ferramentas econômicas, projetos socioecológicos, organizações, movimentos ou novas formas de atuação que, segundo alguém, têm potencial para dar uma contribuição substancial para a construção de um futuro justo, próspero e sustentável (ibidem). Este ensaio busca realizar uma colheita inicial de sementes importantes para a cultura oceânica e os processos de pesquisa-ensino-extensão que irão compor a Década do Oceano no Brasil.

---

2 Embora não haja uma definição universalmente aceita de economia azul, o Banco Mundial (2017) a descreve como “o uso sustentável dos recursos oceânicos para o crescimento econômico, melhores meios de subsistência e empregos, preservando a saúde do ecossistema oceânico”. Esses usos incluem atividades econômicas estabelecidas (pesca, aquicultura, navegação e infraestrutura portuária, turismo e produção e extração de energia) e indústrias emergentes (por exemplo, biotecnologia marinha, mineração do fundo do mar e sequestro de carbono). Somos críticos à visão hegemônica e economicista, mas é a que se impõe até o momento.

### 3. Ações educacionais e a socioanálise educacional

O termo educomunicação forma um acrônimo para “educar com comunicação-ação”, o que nos fornece indicativos dos princípios desse novo campo. A ação educacional implica a reflexão sobre um novo paradigma, onde a contiguidade das práticas de educação e comunicação precisam ser consideradas de forma transversal nos processos de aprendizagem. A aproximação da educomunicação com a socioanálise comunicacional nos permite identificar mais claramente suas áreas de intervenção e aportar um dispositivo de diagnóstico, análise e intervenção social, que qualifica a gestão das ações educacionais (MARTINI, 2019). As categorias desse dispositivo também servem para analisar práticas já realizadas, pois articulam descrições conceituais orientadas para a intervenção na ecologia social. Nossa análise das ações do CMM foi dirigida a estas seis dimensões socioeducacionais (MARTINI, 2020):

1) Reflexão epistemológica – espaços e tempos “ecológicos” físico-materiais, simbólico-comunicacionais e imaginários, concebidos a partir de diversos conhecimentos – acadêmicos ou artesanais. Sistematização das experiências primando pela produção social do conhecimento. A ecologia de saberes. Coerência entre pensamento, sentimento e ação;

2) Gestão da educomunicação – organização política institucional, representada pelas normas e valores instituídos. Estrutura vertical formal de poder hierárquico. O discurso oficial (acadêmico, legal, científico, tradicional). Conjunto de ações e estratégias que envolvem o planejamento, execução e avaliação de programas e projetos de intervenção nos ecossistemas educacionais;

3) Pedagogia da educomunicação – Valores e normas “reais” instituintes (que mudam). Estrutura informal horizontal da prática ‘real’. Desconformidades e conflitos. Igualdade e direito à diferença. Metodologias de educomunicação que integram a didática e a competência em mediações culturais na multiplicação das práticas pedagógicas educacionais (SARTORI e SOUZA, 2012) em um determinado ecossistema.

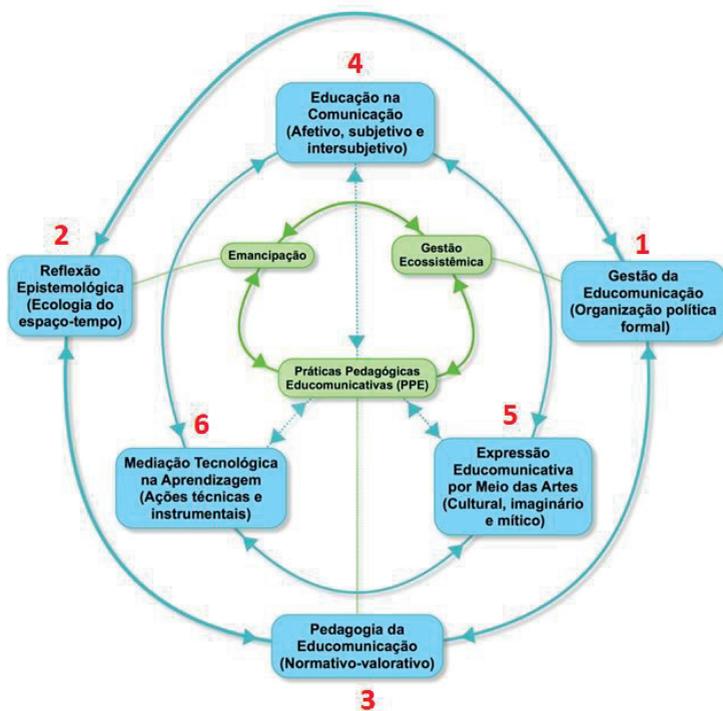
4) Educação na comunicação – O sujeito e os vínculos interpessoais. O “cultivo afetivo” e psicológico das relações. O inter e trans-subjetivo: nós. Reflexão e atitudes críticas a respeito do lugar dos meios de comunicação na sociedade, e seu impacto em relação aos sujeitos. A ética nas relações auto-inter-trans-subjetivas. A escuta profunda;

5) Expressão educacional por meio das artes – valorização da cultura, do imaginário e dos mitos. Valores, repertório mítico e cultural sedimentado ao longo do tempo, que envolvem as crenças e a emergência de múltiplas culturas. Promoção da autoexpressão dos sujeitos e grupos, por meio da pintura, vídeo, teatro, música e demais artes acessíveis.

6) Mediação tecnológica na aprendizagem – âmbito das práticas e ações instrumentais (técnicas), que compreende a produção por meio de tecnologias e dispositivos – de acordo com condições materiais específicas. Chama a atenção para as modificações sociais e cognitivas motivadas pelo uso das tecnologias. Práticas de gestão democrática das tecnologias e análise da sua influência na sociedade contemporânea. Didática dialógica do aprendizado técnico.

As categorias não são caixas estanques, mas possibilidades de estabelecer certos arranjos conceituais que permitam estruturar conhecimentos e ações, que teimam em permanecer separados entre si (VIZER, 2012). Entendemos que esse conjunto de categorias pode contribuir de forma efetiva, tanto na estabilização da definição das áreas de intervenção quanto na qualificação dos ecossistemas educacionais (figura 1), nos diversos espaços coletivos de realização humana. Exemplos práticos desses novos arranjos podem ser verificados na organização dos resultados e discussões do levantamento.

Figura 1 - Ecossistema Educomunicativo



Fonte: Adaptado de Martini (2019)

#### 4. Resultados e discussões

Um levantamento preliminar de dados sobre o CMM, identificou 36 ações educacionais envolvendo a parceria com organizações acadêmicas, organizações da sociedade civil (OSCs) e movimentos socioambientais. Essas ações são caracterizadas: pela formação e atuação em redes a partir da realização de oficinas; apoio logístico a atividades colaborativas variadas de múltiplos parceiros (principalmente com público jovem), por meio de processos formativos comunitários; a promoção do diálogo sobre ambientes costeiros (e.g., pesca); e o desenvolvimento de projetos e programas que incluem a cobertura colaborativa de eventos.

Conduzimos, a seguir, um exercício de socioanálise (educacional) para compreensão do ecossistema educacional, que evoluiu a partir das ações da rede CMM. Pela limitação de espaço, optamos por elencar apenas algumas características e reflexões iniciais – que chamamos de sementes da ação educacional para a Cultura Oceânica – em cada um de seus seis (6) domínios ou áreas de intervenção.

Tabela 1. Ações educacionais do CMM e as áreas da educação

<b>Domínios/Áreas</b>	<b>Sementes de ações educacionais do CMM</b>
1 Gestão da Educação	Construção colaborativa e horizontal de projetos político pedagógicos; Apropriação conceitual coletiva, pela comunidade de prática, da Ação Educacional; Construção e dinamização de redes costeiras e marinhas de variada intencionalidade/estrutura hierárquica; Organização de agendas de cidadania/programáticas inter-redes em nível local-subnacional-nacional-internacional; Promoção de processos integrativos de governança costeira e oceânica;
2. Reflexão Epistemológica	Busca contínua do coletivo pela superação de ambivalências entre ações presenciais versus virtuais, individualidade/coletividade, apego/desapego, materialidade/imaterialidade; Agilidade epistemológica e fundamentação metodológica para uma jornada indisciplinar/transdisciplinar; Superação das dicotomias entre ‘ser humano’ (cultural) e ‘natureza’ (natural); ‘sujeito’ e ‘objeto’; ‘corpo e mente’; ‘racionalidade’ e ‘imaginação’; ‘teoria’ e ‘prática’.

Educomunicação em tempos de pandemia  
A educomunicação socioambiental no contexto da cultura oceânica

	<p>Provocar descobertas (heurística) que levem à problematização e à leitura crítica, criativa e sensível de nossas relações com o mundo e suas diversidades biológica e cultural.</p> <p>Trabalhar com novas epistemologias como as Epistemologias Ecológicas e Epistemologias do Sul.</p>
3 Pedagogia da Educomunicação	<p>Incorporação nas ações educacionais, da prática de (sentido incompleto) Recursão ostensiva de atitudes alinhadas com o projeto político-pedagógico ⇒ 'segurar processo';</p> <p>Balço dinâmico entre a razão/emoção, formalidade/informalidade, afetividade/descontração (Kairós/Chronos);</p> <p>Atuação e formação em equipes.</p>
4. Educação na comunicação	<p>Atenção aos processos de construção, reconstrução e desconstrução da identidade coletiva, para buscar a evolução da cultura política inter-redes;</p> <p>Atenção para possibilidades e limites da representação social em ambientes inter-redes.</p>
5. Expressão educacional por meio das artes	<p>Acolhimento dos conflitos e da diversidade de expressões e conexões estético-espirituais interpessoais em jornadas de trabalho intensivo;</p> <p>Diversidade, inclusão e balanço de profissionais internos/externos ao território como aspectos do portfólio de oficinas e ações educacionais;</p> <p>Integrar conhecimento sensível e inteligível por meio de diferentes linguagens e expressões;</p> <p>Ativar vivências e experiências em Arte &amp; Ciência a partir dos conceitos de memória, subjetividade e identidade, alteridade e pertencimento na transição para sociedades sustentáveis.</p>
6. Mediação tecnológica na aprendizagem	<p>Formação de equipe e parceiros (treinamentos por meio de portfólio oficinas socioambientais e rodas de diálogo horizontais);</p> <p>Compartilhamento e autogestão de equipamentos para uso coletivo junto às comunidades costeiras (equipamentos audiovisuais, computadores, unidade móvel, entre outros);</p> <p>Autogestão de mídias sociais.</p>

Fonte: elaborado pelos autores (2021)

#### **4.1 Gestão da educomunicação/Organização política institucional**

Uma semente que pode ser identificada claramente na trajetória do CMM são os (i) processos incubadores/construtores de redes (comunidades de práticas) – o que permitiu a atuação significativa do grupo na precursão e dinamização de redes costeiras e marinhas de variada intencionalidade/estrutura hierárquica no Brasil. Por exemplo, o grupo de trabalho Ouvidoria do Mar, a teia de redes de apoio à pesca artesanal no Brasil (Teia Pesca), o painel brasileiro para o futuro do oceano (Painel Mar), o grupo Pró-Babitonga (GPB) e outras seis redes locais de ecocidadania nos municípios do entorno da baía Babitonga.

#### **4.2 Reflexão epistemológica/espaco-tempo (ecológico)**

Notamos na trajetória do CMM uma alta diversidade de conteúdos mobilizados no nexo socioambiental, por exemplo a aplicação ostensiva de metáforismos nas ações educacionais (e.g., saúde ecossistêmica, memórias do mar, futuro do mar, ativação da ecocidadania), bem como de formatos variados de ação educacional (e.g., rodas de diálogo, oficinas, ciclos de oficinas, portfólio de oficinas, agendas programáticas e planos de ação inter-redes). O espectro de ações educacionais ainda ocorreram em múltiplas escalas territoriais (praia, escola, praças, escritórios, museus) e institucionais (municipais, intermunicipais, estaduais, nacionais, internacionais). Esta experiência indica como semente a (ii) agilidade epistemológica e fundamentação metodológica entre os participantes para uma jornada indisciplinar ou transdisciplinar.

#### **4.3 Pedagogia da educação/Normas e valores instituintes**

Considerando o conjunto de ações planejadas, realizadas e avaliadas tal como de ocasiões regulares de encontros para avaliação colaborativa mais ampla da rede CMM, tendo o PPP (CMM, 2013) como referência; registramos evidências de recurso frequente de atitudes que evocam o alinhamento com os valores da rede durante as ações educacionais.

Estas características são essenciais em iniciativas que lidam com a complexidade inerente à realidade das comunidades costeiras e marinhas, fator que impôs ao CMM a necessidade de se adaptar às mais variadas condições materiais, informacionais e simbólicas. Sugerimos que sementes estão associadas ao investimento na (iii) responsividade e adaptabilidade de modelos operacionais inter-redes, propriedades condizentes com o balanço dinâmico entre a razão e a emoção, o formal e o informal, a afetividade e a descontração nas interações interpessoais (Kairós/Chronos).

#### **4.4 Educação na Comunicação/O sujeito e os vínculos interpessoais**

A experiência do CMM indica que as ações educacionais precisam facilitar a reunião de competências relacionais (sensoriais, cognitivas e epistemológicas) entre os envolvidos em cada ação, de modo a otimizar a troca de informações e afetividade entre as pessoas, tendo em vista os valores e objetivos compartilhados. Esta experiência indica como semente a (iv) consideração dos aspectos socioemocionais dos sujeitos na forma como estabelecem seus vínculos com o coletivo.

#### **4.5 Expressão educucomunicativa por meio das artes/cultura, imaginário e mitos**

A expressão educucomunicativa por meio das artes se manifesta por todo o processo de planejamento, execução e avaliação das ações em rede. As pessoas e sua cultura, imaginário e percepções míticas constituem um todo indissociável e, logo, a expressão estética e do sagrado não se restringem ao espaço-tempo de uma oficina ou atividade específica. A experiência do CMM revela a necessidade de acolhimento da diversidade de expressões e conexões estético-espirituais interpessoais. As jornadas de trabalho criativo intensivo foram desafios constantes para o CMM. Destacamos que os facilitadores de ações educucomunicativas necessitam (v) desenvolver a sensibilidade para navegar dicotomias profundamente arraigadas no *ethos* social e presentes também na cultura das comunidades costeiras.

#### **4.6 Mediação tecnológica na aprendizagem/práticas e ações instrumentais**

A formação de equipe e de parceiros sempre incluiu treinamentos, por meio de portfólio de oficinas técnicas associadas a rodas de diálogo horizontal. Essa formação instrumental ocorre de forma processual ao longo de todo o trabalho do CMM. Inclui o compartilhamento e autogestão de equipamentos para uso coletivo junto às comunidades costeiras, com as quais se buscou uma produção áudio-scripto-visual culturalmente e localmente conectadas. As experiências indicam sementes na(vi) autogestão dos processos de mediação tecnológica para produção de conteúdos coletivos. Essa operação das tecnologias em rede possibilitou a formulação e aprovação de vários produtos e projetos ao longo dos anos.

### **5. Considerações finais**

Com o objetivo de exercitarmos a validade de aplicação de um dispositivo de análise das ações de educomunicação, oferecemos uma síntese analítica socioeducucomunicacional de algumas ações do CMM ao longo dos anos. Sendo assim, identificamos algumas possíveis sementes desta rede para o ecossistema educucomunicativo costeiro-marinho brasileiro. Considerando que as várias premissas que impulsionaram a formação do CMM (em nível intencional e estrutural) continuam presentes até hoje nos ambientes acadêmicos e comunidades costeiras, estamos convictos de que as possíveis contribuições das suas ações educucomunicativas também continuam válidas.

Este capítulo demonstra a validade das categorias analíticas, bem como do modelo de integração no âmbito dos ecossistemas educucomunicativos. Essa proposta de articulação sistêmica entre as áreas nos ajuda a enxergar conexões possíveis com as diversas expectativas referentes à Década da Cultura Oceânica. Dentre elas, destacamos, nesta ocasião, seis ‘sementes do bom antropoceno’. As sementes perpassam todas as áreas de intervenção educucomunicativa, tendo em vista as dimensões da necessidade e da urgência de transformação da governança costeira, assim como da profunda in-

corporação da sustentabilidade ambiental e equidade social nas políticas públicas e privadas. Cabe ressaltar que o percurso realizado pelo CMM só foi possível graças às parcerias em diferentes contextos e escalas, aliadas aos princípios de cooperação, criação e colaboração.

Parecem-nos promissoras as possibilidades de expansão do alcance da educação socioambiental no âmbito da Década da Cultura Oceânica, o que se configura como um potencial próximo passo na qualificação das ações educacionais do CMM. Essas reflexões são o primeiro impulso de mobilização dessa nova etapa, pois servem para disseminar nossas propostas entre a rede de redes que nos envolve. Assim, buscamos contribuir com a coevolução de ecossistemas educacionais costeiros e marinhos brasileiros.

### Agradecimentos

As ações educacionais do Coletivo Memórias do Mar envolveram um número expressivo de organizações e pessoas de vários territórios, que expressaram sua contribuição de múltiplas formas e meios ao longo dos anos. Agradecemos imensamente a tod@s colaboradores desta trajetória – queridos ‘Mamuleng@s’<sup>3</sup>, como carinhosamente nos chamamos – que foi construída por tantos corações e mentes tão criativas e generosas.

### Referências

BANCO MUNDIAL. *The Potential of the Blue Economy: Increasing Long-term Benefits of the Sustainable Use of Marine Resources for Small Island Developing States and Coastal Least Developed Countries*. Wasgubgtib, 2017. <https://doi.org/10.1596/26843>.

BENNETT, N. J. Marine Social Science for the Peopled Seas. *Coastal Management*, v. 47, n. 2, 2019, p. 244-252. <https://doi.org/10.1080/08920753.2019.1564958>.

CLOUTIER, J. Petit traite de communication. Emerec à l’heure des technologies numériques. Montréal: Editions Carte Blanche, 2001.

FOLKE, C. ET AL. OUR FUTURE IN THE ANTHROPOCENE BIOSPHERE. *Ambio*, N. 50, 2021, P. 834-869. [HTTPS://DOI.ORG/10.1007/s13280-021-01544-8](https://doi.org/10.1007/s13280-021-01544-8).

HUERGO, J. A. Una guía de comunicación/educación por las diagonales de la cultura y la política. In: APARICI, R. (E.). *Educomunicación: más allá del 2.0*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2010, p. 65-104.

MARTINI, R. G. Educomunicación: ¿Contracampo o intersección? In: AGUADED, I.; VIZCAÍNO-

---

3 Fantoches típicos do nordeste brasileiro, que fazem parte da cultura artística popular. Fonte: <https://pt.wikipedia.org>.

## Educomunicação em tempos de pandemia

### A educomunicação socioambiental no contexto da cultura oceânica

-VERDÚ, A. (E.). *Redes sociales y ciudadanía: hacia un mundo ciber conectado y empoderado*. Madrid: Grupo Comunicar Ediciones, 2020, p. 677-685.

MARTINI, R. G. *Educomunicador como agente de integração das tecnologias de informação e comunicação na escola*. Doutorado em Ciências da Educação. Braga: Universidade do Minho, 2019.

MATAREZI, J.; KOEHNTOPP, P. I. Conhecimento sensível e inteligível na abordagem metodológica Trilha da Vida. *Revista Confluências Culturais*, v. 6, n. 1, 2017, p. 69-81.

SARTORI, A. S.; SOUZA, K. R. DE. Estilos de aprendizagem e a prática pedagógica educomunicativa na educação infantil: contribuições do desenho animado para a aprendizagem das crianças contemporâneas. *Revista de Estilos de Aprendizagem*, v. 10, n. 10, 2012, p. 30-37.

SANTOS, B. de S. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2018.

SOARES, I. DE O. *Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VIZER, E. A. *Comunicación y Socioanálisis: estrategias de investigación e intervención social*. España: Editorial Académica Española, 2012.



Leopoldo Cavaleri Gerhardinger é oceanógrafo, com mestrado em Conservação da Natureza e doutorado interdisciplinar em Ambiente e Sociedade. Coordenador do programa Horizonte Oceânico Brasileiro (PainelMar). Cientista da área da etnoecologia, etnoconservação marinha e governança do oceano. Está envolvido na construção de redes de aprendizagem para o aperfeiçoamento da governabilidade e saúde dos oceanos.



Dannieli Firme Herbst é bióloga pela Universidade Federal do Espírito Santo, com mestrado e doutorado em Ecologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. É pós-doutoranda no Projeto ERC Tradition, pela Universidade Autônoma de Barcelona. Experiência na área de Ecologia, ênfase na Etnoecologia, atuação na interface entre saberes (tradicional/local, científico e político) e a interdisciplinaridade. Seu interesse de pesquisa é com pesca, serviços ecossistêmicos, planejamento espacial marinho, mudanças históricas no ambiente marinho, condições climáticas, educação ambiental e educomunicação.

## Educomunicação em tempos de pandemia

### A educomunicação socioambiental no contexto da cultura oceânica



Rafael Gué Martini é professor na Universidade do estado de Santa Catarina (UDESC), onde atua no mestrado profissional em Enfermagem na Atenção Primária à Saúde. Doutor em Educação pela Universidade do Minho (PT). Membro do conselho consultivo deliberativo da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom). Vice-líder do grupo de pesquisa Educom Floripa (CNPq/UDESC). Integrante do Coletivo Memórias do Mar, do PainelMar, da Ecovila São José e do Movimento Nacional ODS Santa Catarina.



José Matarezi é artista, educador, ambiental, sendo formado em Oceanografia (FURG). Especialista em Análise e em Educação Ambiental (UFPR). Mestre e doutorando em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville (Univille). Professor, pesquisador e extensionista no Laboratório de Educação Ambiental (LEA), da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Con-selheiro do Fundo Brasileiro de Educação Ambiental (FunBEA) e Articulador da Rede “Trilha da Vida” de Formação em Educação Ambiental.